



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai – IDEAU



# REI

REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU

Vol. 10 – Nº 22 - Julho - Dezembro 2015

Semestral

ISSN: 1809-6220

*Artigo:*

## **DO MAU AGOURO À ARTE: A CORUJA NO IMAGINÁRIO POPULAR**

*Autores:*

SANTOS, Carlos Alberto Batista<sup>1</sup>

FLORÊNCIO, Roberto Remígio<sup>2</sup>

SILVA, Francineide Santana<sup>3</sup>

SANTOS, Maria Aparecida Barboza dos<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup>Biólogo (UPE). Mestre em Zoologia (UESC), Doutorando em Etnobiologia e Conservação da Natureza (UFRPE). Professor Assistente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Rua São Cristovão, 50 Atrás da Banca, 56.308-045, Petrolina-PE. [cacobatista@yahoo.com.br](mailto:cacobatista@yahoo.com.br)

<sup>2</sup>Linguista (UPE) e Pedagogo (UNEB). Mestrando em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (UNEB). Professor Auxiliar do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Sertão Pernambucano. Rua São Cristovão, 50 Atrás da Banca, 56.308-045, Petrolina-PE. [betoremigio@yahoo.com.br](mailto:betoremigio@yahoo.com.br)

<sup>3</sup>Pedagoga (UPE). Mestre em Educação Brasileira (UFAL). Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Rua Minas Gerais, 431, Apto. 203, Edifício Flávia Cristiane, Santo Antônio, 48.903-020, Juazeiro-BA. [francysssantana@hotmail.com](mailto:francysssantana@hotmail.com)

<sup>4</sup>Engenheira Agrônoma (UNEB), Especialista em Vigilância e Controle da Água (UFRJ), Especialista em Processamento de Derivados de Frutas e Hortaliças (IF-Sertão PE). Assistente Administrativa da Fundação Nacional de Saúde. Rua 24, 215, Quati 1, 56.314-550, Petrolina-PE. [cidabz@gmail.com](mailto:cidabz@gmail.com)

## DO MAU AGOURO À ARTE: A CORUJA NO IMAGINÁRIO POPULAR

**RESUMO:** Os animais têm desempenhado uma grande variedade de papéis na vida do homem, além de suas utilidades como fonte de alimento e uso farmacológico na medicina tradicional, sua importância é reconhecida na religião, arte, música, literatura fazendo parte do imaginário popular, sendo seus temores e crenças retratados em histórias, lendas, parlendas, cantos e outras manifestações culturais. Os aspectos culturais que promovem interações entre pessoas e animais, podem promover pressões sobre as populações animais, promovendo sua conservação ou conduzindo estas à extinção. A variedade de interações entre seres humanos e animais é o objeto da etnozologia, ramo da etnobiologia que investiga o conhecimento que as sociedades humanas têm em relação às espécies animais, bem como o significado destes para o homem. Neste contexto, este trabalho apresenta uma revisão sobre as principais formas de interações entre os seres humanos e as corujas ao longo da história, ressaltando as implicações ecológicas dessas interações na conservação animal.

**Palavras-chave:** Cultura popular, Aves, Saberes tradicionais

**ABSTRACT:** Animals have played a variety of roles in human life, in addition to its uses as a food source and pharmacological use in traditional medicine, its importance is recognized in religion, art, music, literature part of the popular imagination, and his fears and beliefs depicted in stories, legends, rhymes, songs and other cultural events. Cultural aspects that promote interactions between people and animals, can promote pressures on animal populations, promoting their preservation or leading these to extinction. The variety of interactions between humans and animals is the object of ethnozology, ethnobiology branch that investigates the knowledge that human societies have in regard to animal species as well as the significance of these to humans. In this context, this paper presents an overview of the main forms of interactions between humans and the owls throughout history, emphasizing the ecological implications of these interactions in animal conservation.

**Keywords:** Popular culture, Birds, Traditional knowledge.

## INTRODUÇÃO

O Brasil possui um bestiário fantástico, que rivaliza com uma fauna riquíssima, neste conjunto as aves se destacam por serem o símbolo plumário do Brasil indígena (BRADESCO-GOUDEMAND, 1982).

Consideradas na cultura helênica como os seres mais próximos dos deuses, as aves sempre estiveram relacionadas a estes conforme seus atributos, assim, a soberana águia acompanhava Zeus, o imponente pavão pousava aos pés da deusa Hera e a coruja fazia companhia discreta à sábia Athena, por causa dessa associação, a coruja tornou-se a ave representante da sabedoria, sendo ainda hoje o símbolo da filosofia, dos professores e do conhecimento sem fronteiras, pois seus olhos lhe permitem uma visão de 180° (VASCONCELOS, 1998).

Apesar de ser símbolo da reflexão e do conhecimento racional aliado ao intuitivo que permite dominar as trevas, existe uma forte associação da coruja à escuridão e a sentimentos tenebrosos, refletindo mitos que remontam à antiguidade grega para explicar determinadas manifestações da natureza como o hábito noturno em alguns animais, para Xisto (2002), os

mitos são o modo originário de os homens lidarem com o espanto, e é assim que, por estar mais ativa à noite, em diferentes sociedades a coruja simboliza o mal, o demoníaco e o mau presságio.

Entretanto, sabedora dos segredos da noite, essa embaixadora das trevas percebe tudo o que se passa a sua volta, tendo se tornado em muitas culturas uma profunda e poderosa conhecedora do oculto, enquanto os homens dormem, ela fica acordada, de olhos arregalados, vigiando os cemitérios, anunciando a morte próxima, causando medo e suscitando crenças, entre elas, a de que quem como carne de coruja aprende a adivinhar o futuro (CASCUDO, 2002).

As relações entre os seres humanos e os elementos da natureza são antiquíssimas e de grande importância para o desenvolvimento da humanidade, por isso, os homens sempre mantiveram relações muito próximas com os animais (ALVES, 2012), e vem ao longo da sua história utilizando os animais de diferentes formas, evidenciando a importância destes que refletem atitudes de respeito, admiração e afeto, contudo, atitudes ligadas ao medo e à aversão para com os animais silvestres também são comuns e têm provocado impactos graves sobre muitas espécies (ALVES, 2012; ALVES e SOUTO, 2010; BIZERRIL, 2004; EAGLES e MUFFITTS, 1990).

Tradições e crenças em torno de determinadas espécies animais podem auxiliar nas propostas de conservação da fauna silvestre, mas também podem colocar determinadas espécies em vulnerabilidade, a exemplo das corujas, que, por sua ligação com a morte (CASCUDO, 2012), faz com que sejam temidas, atacas e mortas. Entender a dinâmica das percepções e relações humanas com os animais, portanto, é um instrumento de conservação e proteção da fauna silvestre.

O Brasil, país caracterizado pela grande riqueza cultural, devido a presença de grupos miscigenados de índios, europeus, negros e asiáticos (SILVA; ALVES; ALMEIDA, 2004), diversas superstições populares foram assimiladas e resignificadas, enriquecendo o folclore brasileiro com um expressivo número de animais, plantas e lugares mais ou menos fantásticos, compatível com a grandiosidade e riqueza da biodiversidade brasileira (BRADESCO-GOUDEMAND, 1982).

O presente artigo aborda as relações do homem com os animais, especificamente as corujas, apresentando uma revisão sobre a cultura em torno desses animais. Daremos enfoque às interações da fauna do ponto de vista cultural, subjetivo, com intuito de entender a importância da relação mantida entre os homens e os animais.

## **A simbologia da coruja pelo mundo**

Os animais foram e são utilizados em todas as culturas para refletir a natureza da humanidade, simbolizando características humanas sociais e individuais (MERRILL, 1990), na Mitologia Grega, sabemos que as corujas representavam a sabedoria por sua ligação com Palas Athenas, deusa da sabedoria. Da plenitude cultural e mítica dessa representação, a ave assumiu a simbologia da inteligência, do ser ensimesmado, dotado de um olhar perspicaz e de discernimento, pois possui a capacidade de ver no escuro (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2012). Saindo dessa mitificação da Antiguidade e alcançando a Idade Moderna, vamos encontrar uma escultura de coruja na Catedral de Notre Dame na França que, segundo a crença local, quem passa a mão esquerda nela adquire sabedoria e felicidade.

Ao longo de milênios, deusas e deuses antropomórficos substituíram divindades animais. As divindades mais arcaicas foram substituídas por deuses mais humanos, retratados muitas vezes com mascotes, Athena, por exemplo, foi retratada com uma coruja, Zeus com uma águia, Odin foi acompanhado por corvos e por lobos (SAX, 2002).

Para Hegel, o papel da filosofia assemelha-se à coruja de Minerva, uma ave que só levanta voo ao entardecer e, nesse aspecto, aponta para o que só pode ser compreendido quando começa a deixar de acontecer (HEGEL, 2006), esta referência já havia sido indicada por Guimarães Rosa quando utiliza a imagem da coruja como representação de mudanças rápidas no cotidiano, trazidas por progressos ou modernidades, “Depois, fui vendo que o tempo mudava, não estive querendo ser como a coruja, de tardinha, não se voa...” (ROSA, 1956).

Assim em várias sociedades, encontramos referências às corujas, cercadas de superstições, registram-se diversas lendas, crenças e mitos em relação a esses animais. Na antiga Roma a coruja era denominada de estriges, que significa bruxa, daí surgiu o nome da ordem estrigiformes que abrange essas aves (COSTA-NETO, 1999), para os romanos, ouvir o pio de uma coruja era presságio de morte iminente (GOMES, 2005), crença também compartilhada pelos índios americanos, onde a coruja é vista como espírito protetor e guardião do fogo, mas sonhar com ela significa a morte (GOMES, 2005). Sillitoe (1988) registra em várias localidades o uso de plumas de certas aves, em sua chapalaria na crença de que ocorrerá transferência das qualidades dos pássaros para eles, por exemplo, que as plumas de uma coruja pode melhorar a visão noturna.

Na África do Sul, a coruja é a mascote do feiticeiro Zulu e no xamanismo, é reverenciada por enxergar a totalidade. Os aborígenes da Austrália acreditam que a coruja

representa o espírito da mulher. Na Argélia, há a crença de que colocar o olho direito de uma coruja na mão de uma mulher dormindo fará com que ela conte todos os seus segredos, no Marrocos, o olho de uma coruja em um cordão no pescoço é um excelente talismã. Também entre as mulheres babilônicas, existia a crença de que amuletos com partes do corpo de corujas perto de si mesmas as protegiam durante o parto (GOMES, 2005). Na Amazônia brasileira, as penas da coruja conhecida como caburé (*Glaucidium brasilianum* Gem., 1788) são usadas como amuletos, que proporcionariam ao seu portador boa saúde e sorte no jogo e no amor (COSTA-NETO, 1999).

Encontramos ao longo da história, registros da ligação das corujas com fenômenos climáticos, na China, por exemplo, a coruja está associada aos relâmpagos, entre os ingleses a coruja branca é considerada um instrumento para prever o tempo, ouvi-la guinchar, significa que o tempo vai esfriar ou que uma tempestade está chegando (GOMES, 2005), no Canadá acredita-se que o piar noturno das corujas é um indicativo de nevasca (COSTA-NETO, 1999).

No Brasil, para a tradição Guarani, origens dos indígenas brasileiros, essa ave representa o Grande Espírito, que se manifestou na forma de uma coruja, criando a sabedoria. No nordeste brasileiro, região profundamente mística, marcada pela coexistência do cristianismo, com religiões indígenas e africanas, o nordestino vive no meio de devoções e superstições sem fim (BRADESCO-GOUDEMAND, 1982), nesta região a coruja denominada de “rasga-mortalha” (*Tyto furcata* Tem., 1827) é um pássaro agourento que todos têm medo, segundo a lenda, a coruja com o seu piar e esvoaçar sobre as casas, emite um ruído que parece uma pessoa rasgando um pano de ceda, como consequência um dos moradores morre (CASCUDO, 2012). Mas nem só de sentimentos ruins está cercada a coruja, no Rio Grande do Sul, persiste a crença de que três penas de coruja é o suficiente para trazer sorte no amor, nos negócios, na fortuna, na guerra e em tudo (LAYTANO, 1987).

### **Alimentação e zooterapia**

Por causa das superstições associadas a elas, tais aves raramente são usadas pelo homem como alimento, para Alves (2012), atitudes ligadas ao medo e à aversão para com os animais silvestres são comuns e têm provocado impactos graves sobre muitas espécies, que são perseguidas e mortas, por outro lado, o uso de espécies animais na medicina tradicional pode ser um fator de preservação das espécies, sobre isso a hipótese da farmácia proposta por Begossi e Braga (1992) defende que as espécies consideradas importantes como recursos medicinais podem ser mantidas no ambiente para estarem disponíveis como remédios em caso

de necessidade, a exemplo dos pescadores tradicionais da Reserva Extrativista do Alto Juruá, onde, os quatro peixes utilizados na medicina popular local são considerados como tabu alimentar (BEGOSSI; SILVANO; AMARAL; OYAKAWA, 1999).

Na medicina popular, há registro da pequena coruja-buraqueira (*Athene cunicularia* MOLINA, 1782), que serve de alimento zooterapêutico no Uruguai para estimular o apetite de convalescentes. Vamos encontrar também o uso da coruja na zooterapia entre os indianos, para estes a carne de coruja é considerada uma iguaria afrodisíaca e usada como unguento, serve para curar dores reumáticas. No Peru, a carne cozida de coruja serve de remédio para quase tudo. Os curandeiros ingleses também utilizavam os ovos de coruja na medicina tradicional para curar a bebedeira e consequente ressaca (GOMES, 2005). No Brasil, há registro no Estado da Bahia do ovo de coruja utilizado no tratamento da insônia (COSTA-NETO, 2011).

Essas informações, dão sustentabilidade à hipótese da universalidade zoterápica, proposta por Marques (1994), segundo a qual toda cultura com sistema médico desenvolvido utiliza animais como recursos terapêuticos.

### **A coruja na arte**

Através do tempo, os animais têm aparecido em pinturas, literatura, música, dança, esculturas e gravuras. As representações de animais selvagens é um processo histórico originário na antiguidade, como demonstram as imagens na pintura rupestre de todo o mundo (BEARDSWORTH e BRYMAN, 2001). Saindo do imaginário humano para as artes, as corujas ilustram painéis, livros, louças e quadros de vários artistas no mundo. Testemunhos da importância dos animais obras de arte estão disponíveis em museus de história natural e da arte, em livros, em edifícios retratam os animais em sua arquitetura e nos centros urbanos (Figura 1) as praças exibem esculturas de animais (ALVES, 2012).



**Figura 1:** Representações de animais em centros urbanos. **A:** Jabuti – Praça Aprígio Duarte Filho (Juazeiro-BA); **B:** Jacaré – Praça Aprígio Duarte Filho (Juazeiro-BA); **C:** Galo – Praça do galo (Petrolina-PE); **D:** Boi – Avenida Ouro Preto (Petrolina-PE).

Fonte: Acervo de Carlos Alberto Batista Santos

Os animais têm sido incorporados ao nosso lugar (SHEPARD, 1996). No Brasil Candido Portinari se revela pintor animalista com uma série de quadros da fauna brasileira, onde apresenta a fauna indígena domestica ou selvagem, com sua variedade e riqueza de cores (BRADESCO-GOUDEMAND, 1982), podemos ver a coruja em seus quadros, a exemplo do Retrato de Rodolpho Josetti de 1928 (Figura 2A) e O Cemitério de 1955 (Figura 2B).



**Figura 2:** Candido Portinari e as corujas. **A:** Retrato de Rodolpho Josetti de Candido Portinari (1928); **B:** O Cemitério de Candido Portinari (1955).

Fonte: Projeto Portinari: <http://www.portinari.org.br/#/acervo>.

O fascínio causado pela coruja no imaginário humano, desperta o desejo de tê-las próximo, assim as pessoas por não poderem domestica-las, esboçaram corujas em diversos materiais para compor coleções e criaram objetos de decoração (Figura 3 e Figura 4).



**Figura 3:** Coleção de corujas confeccionadas a partir de diversos materiais. Coleção pessoal da Professora Oscarlina Tanuri, Escola Recanto do Pequeno príncipe, Juazeiro-BA.

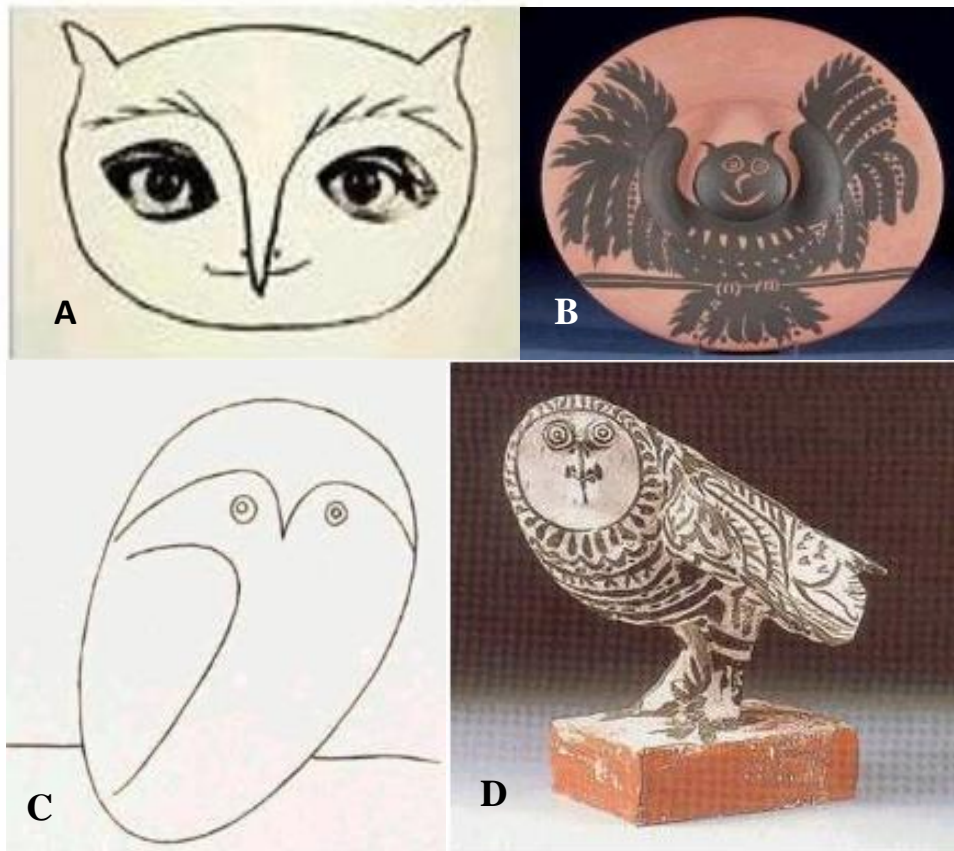
Fonte: Acervo de Carlos Alberto Batista Santos





Figura 4: Corujas de madeira utilizadas como objeto decorativo.  
Fonte: Acervo de Carlos Alberto Batista Santos.

Pablo Picasso, pintor espanhol, desenhou seu autorretrato como uma coruja, com buracos no lugar dos olhos, que foram preenchidos com os olhos de uma fotografia sua feita por David Douglas Duncan (Figura 5), além de telas, Picasso retrata corujas na cerâmica, e litografia.

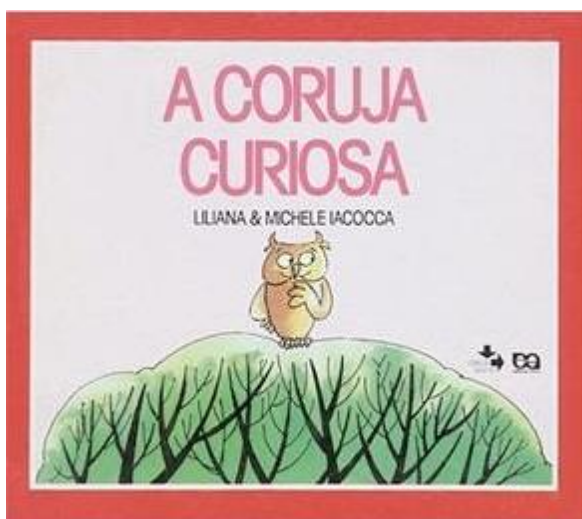


**Figura 5:** Pablo Picasso e as representações das corujas. **A:** Auto Retrato de Pablo Picasso; **B:** Hibou au ailes déployées, 1957, Prato em cerâmica vitrificada; **C:** Hibou, 1962, Desenho feito por Picasso para ilustrar um livro de poemas de Jean Cocteau; **D:** La Chouette, 1952, Argila branca queimada.  
Fonte: [http://www.corujando.com.br/arquivo/picasso\\_e\\_as\\_corujas.htm](http://www.corujando.com.br/arquivo/picasso_e_as_corujas.htm)

Encontramos nas sociedades, muitos tipos de histórias, fábulas, contos populares, lendas, mitos e provérbios que foram gerados a partir de relações entre humanos e outros animais e que foram passadas de geração em geração através da tradição oral (ALVES, 2012).

No Brasil grande quantidade de superstições estão ligadas aos animais, à observação de seus hábitos, de seu voo, do ritmo de vida e sobre isso muitas estórias envolvendo os animais são contadas, algumas são universais devido às influencias históricas e sociais, outras são muito particulares de um país, região ou grupo (MARIANTE, 1984; LAYTANO, 1987), é assim que surgem os animais de bom e de mau agouro. A coruja, os morcegos e o gato preto, representantes do mal, pagaram no decorrer dos séculos pesado tributo por conta dos temores supersticiosos do homem (BRADESCO-GOUDEMAND, 1982).

Na atualidade muitas estórias continuam sendo escritas, mas nem todas ressaltam as superstições humanas, a coruja ressurgiu atualmente na literatura infanto-juvenil (Figura 4), em diversas estórias como personagens centrais (IACOCCA e IACOCCA, 1996; BAGNO e CRUZ, 2004; CIRANDA CULTURAL, 2009)



**Figura 4:** Literatura infanto-juvenil: A coruja curiosa (IACOCCA e IACOCCA, 1996)  
Fonte: <http://www.livrariasaraiva.com.br/produto/336260>

A coruja se faz presente na poesia, onde são ressaltadas as características atribuídas à ave, como em Vileroy (2006) “(...) Uma coruja aparece com a sua felicidade, com seu sorriso, com sua sabedoria (...)”, nas fábulas de Monteiro Lobato (2010), nas parlendas: “Fui à feira comprar uva. Encontrei uma coruja, Pisei no rabo dela. Ela me chamou de cara suja” (Domínio Público). Na poesia, as crendices populares recebem a pincelada do artista que retrata esses ditos, como na poesia Olhos de Coruja de Joana Tiemann

Daqui onde estou vejo a noite iluminada uma coruja pia a vizinha a olha desconfiada eu não sei quem disse pra ela que coruja piando é morte anunciada isso vizinha, é credence de gente mal informada então vizinha, durma tranquila a coruja cuida de nós. Seus olhos incandescentes iluminam essa vida e após (TIEMANN, 2013).

A coruja se faz presente também nas cantigas de acalanto infantil: “Murucututu/ lá na beira do telhado/leva esse menino/que não quer dormir sossegado”, numa referência à coruja murucututu (*Pulsatrix perspicillata* Lat., 1790) (COSTA-NETO, 1999). Muitas composições musicais têm descrito animais em suas letras, suas habilidades são glorificados ou características animais são atribuídos a seres humanos (ALVES, 2012), Vinicius de Moraes (1970) encanta as crianças com seus versos “Corujinha, pobrezinha, todo mundo que te vê, diz assim, ah! Coitadinha, que feinha que é você!”

### **Considerações Finais**

Os significados culturais dos animais para os homens está ricamente ilustrado na história sendo a influência destes evidente nas manifestações culturais e artísticas. Objetos decorativos, utensílios domésticos, obras de arte, esculturas, fábulas, contos populares, lendas, mitos, foram gerados a partir de relações entre o homem e os outros animais.

Entre os animais as corujas tem uma simbologia peculiar, despertando no homem sentimentos negativos, ligados à morte e a má sorte, até a proteção pessoal e a representação da sabedoria. Os sentimentos que intermedeiam as relações do homem com as corujas, podem ameaçar as espécies ou tornar-se instrumentos de proteção e conservação destas, portanto os saberes populares sobre as corujas devem ser levados em consideração no planejamento do manejo e conservação das espécies e de seus habitats.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALVES, Rômulo Romeu Nóbrega. Relationships between fauna and people and the role of ethnozoology in animal conservation. **Etnobiology and Conservation**, Recife, v. 1, n. 1, p. 1-69, out. 2012.

ALVES, Rômulo Romeu Nóbrega; SOUTO, Wedson Medeiros Silva. Etnozoologia: conceitos, considerações e importância. In: ALVES, Rômulo Romeu Nóbrega; SOUTO, Wedson Medeiros Silva, MOURÃO, José da Silva (Orgs), **Etnozoologia no Brasil: importância, status atual e perspectivas**. Recife: Nupeea, 2010.

BAGNO, Marcos; CRUZ, Nelson. **Murucututu: A coruja grande da noite**. Rio de Janeiro: Editora Ática, 2004.

BEARDSWORTH, Alan; BRYMAN, Alan. The wild animal in late modernity: The case of the Disneyization of zoos. **Tourist Studies**, Canada, v.1, n. 1, p. 83-104, jan. 2001.

BEGOSI, Alpina; BRAGA, Francisco Manuel de Souza. Food taboos and folk medicine among fishermen from the Tocantins River (Brasil). **Amazoniana**, Berlin, v. 12, p. 101-118, 1992.

BEGOSI, Alpina; SILVANO, Renato; AMARAL, Benedito; OYAKAWA, OSVALDO. Uses of fish and game by inhabitants of an extractive reserve (Upper Juruá, Acre, Brazil). **Environment, Development and Sustainability**, Alemanha, v. 1, n. 1, p. 73-93, abr. 1999.

BIZERRIL, M. X. A. Children's perceptions of Brazilian Cerrado landscapes and biodiversity. **Journal of Environmental Education**, Inglaterra, v. 35, n. 4, p. 47-58, jun. 2004.

BRDESCO-GOUDEMAND, Yvonne. **O ciclo dos animais na literatura popular do nordeste**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Ruy Barbosa, 1982.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Superstição no Brasil**. São Paulo: Global, 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Global, 2012.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 2012.

CIRANDA CULTURAL. **Eu Amo Corujas: Curiosidades Incríveis**. São Paulo: Editora Representações, 2009.

COSTA-NETO, Eraldo Medeiros. As corujas e o homem. **Ciência Hoje**, São Paulo, v. 26, n. 156, p. 74-76, dez. 1999.

COSTA-NETO, Eraldo Medeiros. A zooterapia popular no Estado da Bahia: registro de novas espécies animais utilizadas como recursos medicinais. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 1639-1650, maio, 2011.

EAGLES, Paul; MUFFITTS, Susan. The analysis of children's attitudes toward animals. **Journal of Environmental Education**, Inglaterra, v. 21, n. 3, p. 41-44, out. 1990.

GOMES, Luís. A Coruja no mundo. **Diálogo Médico**, São Paulo, v. 1, n.2, p. 34-37, maio, 2005.

HEGEL, George Wilhelm Friedrich. **Introdução à história da filosofia**. Lisboa: Edições 70, 2006.

IACocca, Liliana; IACocca, Michele. **Coruja Curiosa**. 6ª. ed. São Paulo: Ática, 1996.

LAYTANO, Dante de. **Folclore do Rio Grande do Sul**. 2ª ed. São Paulo: Nova Dimensão, 1987.

LOBATO, Monteiro. **Fábulas**. São Paulo: Globo Livros, 2010.

MARIANTE, Hélio Moro. **Medicina campeira e povoeira**. Porto Alegre: Ed. Martins Livreiro, 1984.

MARQUES, José Geraldo Wanderley. **A fauna medicinal dos índios Kuna de San Blás (Panamá) e a hipótese da Universalidade zooterápica**. In Reunião Anual da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência, 46 reunião, 1994, UFES, Vitória, (Anais). Vitória: Editora UFES, 1994.

MERRILL, Byron. **Behold the Lamb of God: The Savior's Use of Animals as Symbols**. Canadá: SBSS, 1990.

MORAES, Vinícius. **A Arca de Noé**. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1970.

Picasso, Pablo. **O artista Pablo Picasso**. Disponível em: <[http://www.corujando.com.br/arquivo/picasso\\_e\\_as\\_corujas.htm](http://www.corujando.com.br/arquivo/picasso_e_as_corujas.htm)>. Acesso em 01 de maio de 2015.

PROJETO PORTINARI. **Portinari**. Disponível em: <<http://www.portinari.org.br>>. Acesso em 10 de maio 2015.

ROSA, João Guimarães. **Corpo de Baile** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1956.

SAX, Boria. **The Mythological Zoo: An Encyclopedia of Animals in World Myth, Legend and Literature**. Santa Barbara: ABC-CLIO Inc., 2002.

SHEPARD, Paul. **The Others: How Animals Made Us Human**. Washington (DC): Island Press, 1996.

SILVA, Maria Letícia Vasconcelos da; ALVES, Ângelo Giusepe Chaves; ALMEIDA, Argus Vasconcelos de. A zooterapia no Recife (Pernambuco): uma articulação entre as práticas e a história. **Biotemas**, Florianópolis, v. 17, n.1, p. 95-116, nov. 2004.

SILLITOE, Paul. From head-dresses to head-messages: the art of self-decoration in the highlands of Papua New Guinea. **Man**, Papua New Guinea, v. 23, n. 2, p. 298-31, jun. 1988.

TIEMANN, Joana. **Olhos de coruja**. Disponível em: <<http://paradapoetica-joana.blogspot.com.br/2013/11/daqui-onde-estou-vejo-noite-iluminada.html>>. Acesso em 13 de maio de 2015.

VALDOY, Pedro. **Corujas**. 2006. Disponível em: <[http://www.corujando.com.br/arquivo/corujice\\_pedrovaldoy.htm](http://www.corujando.com.br/arquivo/corujice_pedrovaldoy.htm)>. Acesso em 11 de maio de 2015.

VASCONCELOS, Paulo Sérgio de. **Mitos gregos**. São Paulo: Objetivo, 1998.

XISTO, Daniele Ribeiro. O Mito: a fala originária e sempre operante. **Revista Leopoldianum**, São Paulo, v. 27, n. 76, p. 88-92, abr. 2002.